



O que você está fazendo? - um estudo da socialidade no twitter¹

Filipe Speck²

Nanni Rios³

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, SC

RESUMO: Este estudo pretende levantar as evidências de práticas contemporâneas de comunicação na rede de microblog Twitter, adotando como referencial a obra do francês Michel Maffesoli. Para tal, analisa a socialidade das relações na internet, mais especificamente no Twitter (estudo de caso). A pesquisa defende a existência das ideias maffesolianas de presenteísmo, tribalismo e nomadismo nas trocas de mensagens pelo Twitter e entende que a tecnologia está criando uma nova sensibilidade para a comunicação e os relacionamentos.

PALAVRAS-CHAVE: socialidade, Twitter, Maffesoli, comunicação, cibercultura

O título deste trabalho, *O que você está fazendo?*, realizado na forma de pergunta, foi respondido cerca de 2,2 bilhão de vezes⁴ em todo o mundo na plataforma de microblog do Twitter⁵ até o dia 28 de abril de 2009. A rápida ascensão desses números desde que o serviço foi criado, há três anos, acompanha a apropriação cada vez mais sistemática de ferramentas técnicas disponíveis na internet, modificando substancialmente o modo pelo qual as pessoas se comunicam e interagem nos dias atuais (Recuero, 2008). Nesse sentido, o esforço em descrever e entender os novos espaços virtuais e suas interações, aliado às preocupações de caráter metodológico, capaz de solucionar problemas no âmbito da produção de pesquisas acadêmicas, têm sido um dos principais focos das investigações em torno desse universo, identificado por vários autores (Lemos, 1990, 2002, 2005; Recuero 2008, Recuero & Zago, 2009; Lévy, 1996, 1999; Santaella 2004a, 2004b) como Comunicação Mediada pelo Computador (CMC).

A realização de estudos frequentes das práticas culturais e sociabilidades oriundas do ciberespaço, visando à compreensão de seu alcance nas sociedades contemporâneas, tornou-se um campo de pesquisa extremamente fértil e promissor, mobilizando e colocando em interação campos disciplinares os mais diversos. Entre essas aproximações, vale destacar, para efeito desta análise, os diálogos promovidos entre a Comunicação e as Ciências Sociais, mais especialmente a Antropologia (Rifiotis, 2008: 20). É com base nesses diálogos que procuramos orientar as reflexões contidas nas páginas seguintes, entendendo o *Twitter* – e também outros *sites* de redes sociais como o

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – V Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Recém graduado em Jornalismo pela UFSC em setembro/2009. E-mail: filipespeck@gmail.com

³ Recém graduada em Jornalismo pela UFSC em abril/2009. E-mail: nannirios@gmail.com

⁴ Dado obtido no site <http://popacular.com/gigatweet> às 10h20 do dia 23 de junho de 2009. Graças à abertura do sistema, outros endereços eletrônicos dispõem das informações para fazerem estatísticas sobre os perfis no Twitter.

⁵ <http://www.twitter.com>



Orkut⁶, o Facebook⁷ e o MySpace⁸ – como uma plataforma tecnológica que subverte as limitações convencionais espaço-temporais do real (Lévy, 1999). A partir da perspectiva interdisciplinar, o presente trabalho, caracterizado como um estudo de caso, analisa as relações produzidas no Twitter tomando como referência teórica mais ampla os conceitos de **socialidade**, **presenteísmo**, **tribalismo** e **nomadismo**, tratados pelo sociólogo francês Michel Maffesoli.

É importante salientar que seria uma aventura inglória buscar e classificar objetivamente todas as caracterizações relacionadas à socialidade. O mapa de análise que propomos responde apenas à demanda dessa breve pesquisa, enfatizando a possibilidade e a potência do conceito para a interpretação do fenômeno Twitter.

1. Quem você está seguindo?

1.1 Construindo o objeto

“Inventa-se um mundo cada vez que se escreve.”, 44 caracteres.

A transfiguração do político, página 17

O maior desafio de escolher o Twitter como objeto de pesquisa está em estudar um fenômeno em movimento. A troca incessante de mensagens e as recentes análises relatadas em jornais e sites especializados⁹ sobre as formas de apropriação dessa ferramenta, assim como a caracterização do perfil do usuário, têm subsidiado um rol inquietante de questões referentes à presença cada vez mais acentuada de novas práticas comunicacionais no cotidiano.

Outro fator que problematiza a dinâmica de processos do Twitter é a sua territorialidade pouco consistente. No artigo *O Ciberespaço como cenário para as ciências sociais*, o pesquisador Mário José Lopes Guimarães Jr. caracteriza esse universo como resultado de um conjunto de diferentes tecnologias capazes de pulverizar ambientes de socialidade e que possibilitaram a fecundação de dois processos que transformaram a rede virtual em um campo polissêmico, ou seja, repleto de sentidos. O primeiro deles foi a liberação do pólo da emissão para a produção de conteúdo, observado pelo pesquisador André Lemos no artigo *Podcast: emissão sonora, futuro do rádio e cibercultura*, em que ele afirma que a estrutura em rede do ciberespaço desconstrói a hierarquia observada nos sistemas de emissão tradicionais de comunicação de massa. (Lemos, 2005) Outro ponto característico desse território, que dialoga diretamente com Lemos, é a análise feita pelo francês Pierre Lévy no livro *O que é o*

⁶ <http://www.orkut.com>

⁷ <http://www.facebook.com>

⁸ <http://www.myspace.com>

⁹ Ver referências.



virtual?, onde a internet é entendida como um meio de comunicação no modelo todos-todos (Lévy, 1996). Os dois fatores garantem que haja, no ciberespaço, uma sociabilidade nos mesmos moldes das relações sociais que ocorrem fora da rede.

Em 2004, para caracterizar o novo paradigma de interatividade que os dispositivos técnicos haviam disponibilizado na internet, foi cunhado o termo Web 2.0 em uma conferência da O'Reilly Media. Em linhas gerais, trata-se de uma segunda geração de ferramentas que aprofunda a noção de web como plataforma de interação (O'Reilly, 2005). O inventor da *World Wide Web*, Tim Berners-Lee, argumenta, contudo, que não há uma diferenciação tecnológica muito grande pois a Web 2.0 utiliza componentes criados antes mesmo do surgimento da Web.

Para o pesquisador em cibercultura, Alex Primo, o sucesso do Twitter, com mais de 50 milhões usuários até o dia 1º de junho de 2009, deve-se a funcionalidades intrínsecas à Web 2.0. Para ele, mesmo com as deficiências da interface e da usabilidade, que se mostravam precárias no lançamento da plataforma, a abertura do sistema, outra característica da Web 2.0, permitiu que uma série de serviços fossem oferecidos por outras pessoas, o que garantiu a expansão da prática de *twittar*¹⁰ (Primo, 2009, *online*).

Ainda que o Twitter tenha ganhado um caráter mais informacional com postagens que não necessariamente respondam à pergunta “o que você está fazendo?”, as práticas de troca e a propriedade instantaneísta e presenteísta das mensagens possibilitam dividir as banalidades e o cotidiano entre os participantes da rede social, buscando uma certa cumplicidade nos moldes que André Lemos apresenta no artigo *A arte da vida*, sobre a apropriação das *webcams* e dos blogs como diários pessoais:

A vida comum transforma-se em algo espetacular, compartilhada por milhões de olhos potenciais. E não se trata de nenhum evento emocionante. Não há histórias, aventuras, enredos complexos ou desfechos maravilhosos. Na realidade, nada acontece, a não ser a vida banal, elevada ao estado de arte pura. (Lemos, 2002, *online*)

Para Maffesoli, a noção de socialidade remete às manifestações cotidianas nas quais o estar-junto caracteriza-se pela fluidez e imediaticidade dos encontros, enfatizando temáticas relativas ao cotidiano e suas banalidades através de redes de relações sociais sem necessariamente se organizarem tendo em vista uma ideologia comum, consensualidades, entre outros aspectos característicos das dinâmicas presentes nas formas sociais clássicas, como os movimentos sociais.

¹⁰ Os usuários do Twitter, para identificar a prática dentro da plataforma, criaram o verbo *twittar*, que significa mandar um *tweet*. Com a verbalização, surgiram expressões para designar todos os envolvidos com esse tipo de ação, como *twitteiro* (aquele que twitta) e *twittosfera* (ferramentas que envolvem o Twitter).



1.2 Da socialidade à cibersocialidade

“O social é impulso e compromisso.”, 33 caracteres.
A sombra de Dionísio, página 9

Em linhas gerais, a socialidade é, para Michel Maffesoli, o coletivo das práticas cotidianas que estão fora do alcance social rígido, deslocando a perspectiva das relações para uma noção mais hedonista, tribal e enraizada no presente (Lemos, 1999: 13). Para ele, a emancipação teórica da noção de socialidade reside na sua diferenciação com a noção de sociabilidade. Enquanto a sociabilidade se dá “no âmbito de um grupo político-econômico”, a socialidade manifesta-se na representação dos vários papéis que o indivíduo atua tanto dentro da sua atividade profissional quanto no interior dos múltiplos grupos em que se socializa (Maffesoli, 1987: 108). A ideia de múltiplas identidades, distanciada da noção de imobilidade que persistiu durante a modernidade, dá o tom da urgência pelo momento presente. A importância de marcar o presente para Maffesoli baseia-se no fato de que existe, no agora, uma propulsão “que transcende as trajetórias individuais” e tornam-na fração de um sistema ajustado, “sem que a vontade ou a consciência tenham nisso menor importância” (ibidem: 107).

A investigação das manifestações de socialidade está no contato. Para esclarecê-lo, o sociólogo considera a ideia de proximidade no contato e retoma a noção de **proxemia**¹¹:

A proxemia remete, essencialmente, ao surgimento de uma sucessão de “nós” que constituem a própria substância de toda socialidade. [...]Gostaria de fazer notar que a constituição dos microgrupos, das tribos que pontuam a espacialidade se faz a partir do de *pertença*, em função de uma *ética* específica e no quadro de uma rede de comunicação. (ibidem: 194)

A formação de microgrupos pela proxemia é, entretanto, o resultado de uma agitação presente no superficial das relações, que vem caracterizar o **vetor de agregação** que a aparência tem na origem dos contatos. A superficialidade é, assim como a estética, uma forma de experimentar, sentir-se comum e, conseqüentemente, reconhecer-se.

Para entender as bases de manutenção dos agrupamentos na sociedade contemporânea, Maffesoli supõe que, no laço social, exista uma **religação** que concretize as relações na socialidade em seu âmbito espiritual. Recorre, assim, ao sociólogo Émile Durkheim¹² e seus estudos em torno do “divino social”, definição que designa a “força agregadora que está na base de qualquer sociedade ou associação” (Durkheim apud Maffesoli, 1987: 56) Embora retome a religião para relatar o envolvimento espiritual

¹¹ Proxemia, no ciberespaço, é uma condição que permitirá, segundo Maffesoli, a sucessão de ‘nós’ que cria a socialidade.

¹² Os estudos sobre o fato social e a religião, de Émile Durkheim, representaram um legado importante não só para o estudo da *religação* de Maffesoli como inclusive para toda a sociologia moderna.

entre indivíduo e seus semelhantes na socialidade, o uso do termo está longe de significar a prática de uma sociologia da religião. Aceita-se apenas que os sujeitos estejam conectados para celebrar a própria vida e a vida alheia.

Neste estudo sobre a plataforma do Twitter, supõe percebê-lo como não apenas um suporte tecnológico, mas, sobretudo, como um espaço onde ocorre a interação de e entre sujeitos, deixando de ser intermediário para tornar-se intermediador. (Rifiotis, 2008). A CMC vira, desse modo, um espaço de conexão, por anular barreiras físicas e temporais e pela polissemia estética que vetoriza as relações cotidianas na socialidade ao apresentarem, na superficialidade da conexão, ou seja, na **interface** de um perfil do Twitter, uma aparência que fecunda a agregação. Essa relação entre técnica e social, enquadrada na produção social dentro da forma, é que vai nortear a concepção de uma **cibersocialidade**¹³, ou seja, uma socialidade onde *proxemia* e *religação* acontecem, necessariamente, imersas em e no universo técnico da rede mundial de computadores.

1.3 Pós-modernidade e cultura em redes

“[...] é na esquina da rua que encontram, [...] aquele pequeno pedaço do mundo com que sonharam e para o qual imaterialmente se transportaram.”, 140 caracteres.
Sobre o nomadismo, página 142.

A forma de comunicação proposta pela plataforma do Twitter, assim como também em outros microblogs, faz parte de um ciclo cultural próprio do início do século XXI. O caráter imediatista e presenteísta da pergunta “o que você está fazendo?” – não por acaso ela se apresenta no gerúndio –, o espaço de 140 caracteres para micronarrativas efêmeras e a estrutura de seguidores que tribaliza a sociedade contemporânea são produtos do clima dos tempos atuais.

Para Maffesoli, a socialização em forma de socialidade é a significância desse novo tempo. Uma das principais ponderações que situam a passagem para um estágio diferenciado é o politeísmo de valores das relações sociais que dilui a rigidez monoteísta e o projeto comum sócio-econômico da modernidade. Para Maffesoli esse politeísmo é uma característica da sociedade pós-moderna (Maffesoli, 2004) que está presente entre os usuários e no conjunto das relações construídas no Twitter, onde as relações de troca permitem um tipo de comunicação todos-todos (Lévy, 1996), descentralizada e multifacetada.

A prática cultural no ciberespaço é caracterizada pela negociação entre técnica e social que traduz a visão pós-moderna de Maffesoli na cibersocialidade: houve a

¹³ O conceito de cibersocialidade, criado para delimitar a socialidade no ciberespaço, foi proposto por André Lemos no livro *Cibercultura - Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea*.



alternância da apropriação técnica do social, notoriamente moderna, para uma apropriação social da técnica, dando autonomia social e mobilidade para os usuários. Essa inversão da apropriação é considerada por André Lemos como o argumento de entrada no pós-moderno.

A não-necessidade do tacto físico para executar as manifestações da vontade humana marca o ponto de diferenciação com as mídias anteriores. O termo **interatividade** marca o permissivo na cibercultura e o **hiperlink** aparece como a engenharia criativa da rede, ao objetivar as atividades, antes subjetivas, de conexão:

[...] o leitor sempre relacionou o que estava lendo com o seu passado intelectual, suas lembranças e suas referências, construindo, em sua consciência, o seu hipertexto privado. O ciberespaço oferece uma nova forma de estabelecimento desta teia [...], multiplicando o número de links possíveis e tornando, tanto os links quanto sua interrelação, *externos* à consciência do sujeito. (Lemos: *online*)

Se considerarmos o ciberespaço como um território onde as pessoas navegam dispersivamente, ferramentas como Twitter criam o espaço-comum da cibercultura, cuja troca de *tweets* entre os usuários levaria à religação fundante da socialidade. A estruturação dessa rede em um universo neotribal por conta dos microcomputadores será aprofundada no estudo do neotribalismo em Maffesoli mais a frente.

1.4 Sujeito-usuário

“O culto do corpo, os jogos de aparência, só servem porque se inscrevem numa cena ampla onde cada um é, ao mesmo tempo, ator e espectador.”, 136 caracteres.

O tempo das tribos, página 108

É importante frisar que a rede só existe graças ao conjunto de usuários que estabelece conexões de troca. No Twitter, a identidade desse sujeito que se conecta - conhecido como *twitteiro* - é sempre provisória, dependente dos perfis que segue e da comunicação que estabelece entre outros integrantes da rede. Como a movimentação de mensagens na plataforma é extremamente dinâmica, os dispositivos de *follow* e *unfollow* são frequentemente utilizados para satisfazer as demandas efêmeras do internauta, como acompanhar alguém que esteja cobrindo algum evento ou abdicar de receber as mensagens de um usuário cujo vínculo foi diluído.

O usuário desse ciberespaço, ao confeccionar um mosaico de conexões, assume a postura de um sujeito fragmentado e desprendido da ideia de identidade unificada e estável, típico da noção de modernidade. O teórico Stuart Hall, em seu artigo *Identities culturais na pós-modernidade*, considera que esse processo emerge nas sociedades pós-modernas:



A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente. (Hall, 2000: 12)

A suspensão das identidades culturais, afirma Hall, é “o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que estão cada vez mais comuns num mundo globalizado” (Hall, 2000: 88). Nesse sentido, o ciberespaço tornou-se um território cuja possibilidade espaço-temporal da rede reinventa o processo de identificação.

Uma situação de multiplicidade identitária no twitter é a criação de perfis *fakes* de celebridades, como é o caso dos perfis @vitorfasano¹⁴ e @hebecamargo¹⁵. Um *tweet* de @hebecamargo, por exemplo, dizia “Estarei amanhã na Campus Party pra dar um oi pras gracinhas e depois no desfile da Neon no Fashion Week”¹⁶, empregando chavões dos artistas – no caso o vocativo ‘gracinha’ – para produzir um código de pertencimento. De fato, o ciberespaço tornou-se um possibilitador de outras vivências, motivando as mais variadas manifestações identitárias dos usuários.

A estética das máscaras do ciberespaço é conhecida por **avatar**. Apropriado do sânscrito, o termo refere-se originalmente à ideia indu de uma deidade que desce à Terra em forma encarnada (Santaella, 2004a: 121). Da mesma forma, um usuário que se apropria dessa encarnação para transitar no ciberespaço, assume a fragmentação e o trânsito das identidades.

2. Quem está seguindo você

2.1 O rito e a troca no presente

“[...] as massas se conduzem pela sedução e não pela argumentação.”, 58 caracteres.
A **Conquista do Presente**, página 141

É interessante assinalar que a prática presenteísta no Twitter de transcrição do cotidiano tem causado perplexidade por conta do conteúdo banal, e da necessidade dos tuiteiros de lerem “mensagens curtas sobre aquilo que uma pessoa comeu no café-da-manhã”¹⁷. O alerta metodológico de Maffesoli menciona, lembremo-nos, que o objeto social deve ser observado com é, e não como “deve ser”. O teórico evidencia que essa crise do referencial institucionalizado é a tendência contemporânea de experimentação do presente.

¹⁴ <http://www.twitter.com/vitorfasano>

¹⁵ <http://www.twitter.com/hebecamargo>

¹⁶ Disponível em: <http://twitter.com/hebecamargo/status/1140540922>. Acesso em 29 de maio de 2009, às 18h.

¹⁷ Da reportagem *Putting Twitter's World to Use*, do The New York Times. Ver referências.



Utilizador avisado das metáforas, Maffesoli refere-se ao declínio da modernidade e à ascensão da pós-modernidade ao relacionar o primeiro com a figura de Prometeu¹⁸ e o segundo com Dioniso. Este último, representa a multiplicidade de situações possíveis no ciberespaço e potencializa a noção de uma **sociedade orgiástica**, destruidora e fundadora de si ao mesmo tempo, em referência ao deus da desordem e da fecundidade agrária.

A metáfora orgiástica de Dionísio caracterizaria, deste modo, a manifestação multifacetada do presente. Tanto a confusão promovida no indivíduo e no social quanto a estruturação e regeneração levam à vitalidade do espaço por conta da socialidade que cimenta as relações, capaz de formular e reformular conforme a prioridade social.

No Twitter, as características da Web 2.0 vingaram uma estrutura capaz de dar aos usuários a possibilidade de germinar e destruir, o que, segundo Alex Primo, foi determinante para que houvesse uma apropriação massiva da ferramenta:

O sucesso do Twitter pode ser explicado por duas características básicas da Web 2.0: arquitetura de participação e inteligência coletiva. Apesar das deficiências da interface e da usabilidade do Twitter, a abertura de seu sistema permitiu que terceiros oferecessem dezenas de serviços que para a expansão da prática do twittar. (Primo, 2009, *online*)

Pelo presenteísmo, a pluralidade de valores expressa pela alegoria de Dionísio garante a celebração do cotidiano por conta da incompletude dos indivíduos que constituem a sociedade. “Aquilo que é completo, perfeito, não tem menor necessidade de alteridade”, sublinha Maffesoli. Para ele, a incompletude só é suprida pela **troca**, um dos conceitos chave para a compreensão de como a paixão e o desejo agem no presente de modo a instigar a comunicação. (Maffesoli, 1984: 37).

No caso, o Twitter estabelece, pelos *tweets*, *direct messengers* e *replies* uma troca que perpetua a coesão social entre os usuários. Evidentemente, é preciso esclarecer que a comunidade de usuários da rede social é bastante específica e as trocas são relativas às suas especificidades.

2.2 Neotribalismo na rede

“Não existe na cidade nenhum grupo cujas lealdades não sejam múltiplas”, 70 caracteres.

O Tempo das Tribos, página 204

No livro *O Tempo das Tribos*, o autor propõe um método teórico para interpretar em que circunstâncias o agrupamento na rede apresenta-se como um **tribalismo** na sociedade contemporânea. O termo serve para denotar o processo de identificação entre os indivíduos “que possibilita o devotamento graças ao qual se reforça aquilo que é comum a todos” (1987: 23). O ponto de partida para essa proposição é a observação, por

¹⁸ Entre suas origens etimológicas, Prometeu significa “o pensamento que prevê”. É tomado por Maffesoli para identificar o ideal progressista do homem, relacionando-o com a racionalidade e o projeto de modernidade.



parte do autor, da multiplicação de aldeias acentuada pelas megalópoles, resposta a um espírito do tempo no qual o território tornou-se um espaço para diversas manifestações de proximidade e religião na sociedade. Essa forma assumida pela socialidade está envolta de uma **nebulosa “afetual”**, um sentimento que dá características de fluidez e leva a ajuntamentos dispersos e pontuais. Para exemplificar essa nova disposição, Maffesoli recorre à descrição de Jean Baudrillard das auto-estradas norte-americanas e de seu tráfego, onde há uma “regularidade de fluxos que põem fim aos destinos individuais” (Baudrillard apud Maffesoli, 1987: 107)¹⁹. A investigação da motivação do “vaivém massas-tribo” caracterizado pela fluidez sugere a existência de uma força capaz de transcender as trajetórias individuais e levar a um entrelaçamento cuja união entre indivíduos dispensa o projeto de modernidade e sua noção de futuro e progresso. O autor considera que esse tribalismo sempre existiu e que, conforme as épocas, é valorizado como um vetor diferente:

Como a aura teológica na Idade Média, a aura política no século XVIII, ou a aura progressista do século XIX, é possível que se assista agora à elaboração de uma *aura estética*, onde se reencontrarão, em proporções diversas, os elementos que remetem à pulsão comunitária, à propensão mística ou à perspectiva ecológica. [...] Cada um, a sua maneira, dá conta da organicidade das coisas, deste “glutimum mundi”, que faz com que apesar da (ou por causa da) diversidade um conjunto constitua um corpo. (ibidem: 20)

A aura estética²⁰ refere-se, no contemporâneo, a um sentimento que pode ser partilhado em numerosas situações e atitudes sociais. E o que garante, segundo Maffesoli, a perpetuação ou, pelo menos, a manutenção temporária desses grupos é o costume, ou o *ethos*, formado pelas consequências sociais da aproximação estética.

Importante salientar que, ao falar sobre a formação dos grupos contemporâneos, Maffesoli não leva em conta a busca de uma finalidade social. A fragmentação plural dionisíaca vislumbra um tribalismo que nunca encontrará uma única via identitária:

Talvez fosse melhor observar que eles não têm uma visão daquilo que, em termos absolutos, deve ser uma sociedade. Cada grupo é, para si mesmo, seu próprio absoluto. Esse é o relativismo afetivo que se traduz, especialmente, pela conformidade dos estilos de vida. (ibidem: 125)

Isso explica como seria possível a criação de várias **sociedades eletivas**, princípio estruturador dos grupos que se baseia na atração e na repulsa dos indivíduos. No desenvolvimento tecnológico, essa ambivalência cabe perfeitamente. A prática neotribal de formação de uma rede de seguidores no Twitter apóia-se na manifestação múltipla de

¹⁹ Para Jean Baudrillard, a “única verdadeira sociedade, (o) único calor aqui, (é) o de uma propulsão, de uma compulsão coletiva” (Maffesoli, 1987: 107)

²⁰ Maffesoli entende a estética como a faculdade comum de sentir, de experimentar



integração e na recusa afetiva. Embora o ato de eleger quais perfis o usuário vai ou não seguir aparentemente seja a mais próxima metáfora dessa ambivalência atração-repulsão, várias outras ações fornecem evidências: a escolha na leitura de mensagens em perfis aleatórios, os posts de mensagens direcionados a outra pessoa, o ato de *retwitter* algum *tweet* que o usuário considera interessante e deseja dividir com a própria rede etc.

A evidência de que o espaço é determinante para a socialidade leva Maffesoli a considerar que o *lugar* se torna *laço*²¹. Seguindo o conceito maffesoliano de tribo, no qual há um ‘devotamento graças ao qual se reforça aquilo que é comum a todos’, a interface²² no ciberespaço parece ser o termo que mais se aproxima da ideia de território, pois é o local da troca nas relações sociais.

Uma característica do tribalismo que se apresenta de forma contraditória no Twitter é a **lei do segredo**. Para Maffesoli, em qualquer agrupamento há um mecanismo de proteção frente ao exterior e às formas impostas de poder: a criação de segredos que fortalecem o grupo. Maffesoli lembra a máfia como exemplo de como o segredo age na manutenção da unicidade tribal. O caráter público²³ das contas do Twitter parece, entretanto, não acompanhar a ideia de segredo. Contudo, Maffesoli desloca a discussão para o fato de que as mensagens carregam senhas que passam por um processo de reconhecimento dos grupos. Isso quer dizer, no exemplo do Twitter, que a leitura de um *tweet* em uma interface pública fica direcionada pela identificação seleta nas tribos das quais o usuário faz parte.

2.3 Nomadismo, uma tendência

“A continuidade da existência é feita de múltiplos desvios [...]”, 57 caracteres.
Sobre o Nomadismo, página 116

Dos conceitos de Michel Maffesoli atravessados pela noção de socialidade, o **nomadismo** parece ser o que mais contribui para o estudo do ciberespaço e das práticas comunicacionais na pós-modernidade. O infinito de respostas à pergunta “O que você está fazendo?” ganha, por esse aspecto presenteísta, uma inconstância nomádica por causa das paixões que se justificam nessas manifestações, e tornam-se um referencial mutante que permite a convivência com identidades plurais. No Twitter, identidade e movimento convivem mutuamente e um corrobora para a manifestação do outro.

²¹ No original, há um jogo das palavras francesas *lieu* e *lien*, que significam lugar e laço, respectivamente.

²² Aqui, é tomado o conceito de Lúcia Santaella, para quem “uma interface ocorre quando duas ou mais fontes de informação se encontram face-a-face, mesmo que seja o encontro da face de uma pessoa com a face de uma tela. Um usuário humano conecta com o sistema e o computador se torna interativo.” (Santaella, 2004a: 91)

²³ O usuário tem a opção de deixar a conta aberta ou fechada. Nesta última, permite que apenas os perfis que a pessoa segue possam visualizar a conta. Não foram encontradas estatísticas com a porcentagem de cada tipo de perfil, mas, aparentemente, boa parte dos proprietários mantém-no aberto.



Assim como na argumentação do presenteísmo e do tribalismo na sociedade contemporânea, Maffesoli recorre ao enfraquecimento da modernidade, agora visível pelo nascimento de grupos dotados de um potencial de circulação: “*hippies*, vagabundos, poetas, jovens sem ponto de referência, ou mesmo turistas surpreendidos nos circuitos de férias programadas” (ibidem: 27), ou seja, há um número crescente de indivíduos que se descolam da imobilidade do Estado Moderno em direção à retomada do espírito da inconstância. Basta recorrermos aos temas musicais que embalavam a geração daqueles que se iniciavam fora das responsabilidades imobilizadoras:

[...] pode-se lembrar uma idéia obsedante marcando a história do *rock*, o tema da “pedra que rola”, numa constante a merecer atenção. Tomada de empréstimo à mitologia dos escravos arrancados da África a lembrança que se está a caminho: “*I’m a rollin’ Stone*” (Muddy Watters, 1950), será retomada por Bob Dylan: “*like a rolling stone*”. [...] Esse “nomadismo espiritual”: “*I’m a wandering spirit*” (Mick Jagger) pode ser considerado, por mais de um motivo, o símbolo de um mundo em gestação. (ibidem: 34)

No entanto, a figura da “pedra que rola” não permanece limitada ao domínio do indivíduo, como sugere as canções de Jagger e Dylan. Segundo Maffesoli, a errância pode ser considerada uma constante antropológica presente no corpo social e em seu conjunto.

Outro motivo pelo qual o arquétipo nomádico formula-se como evidência nas redes sociais é a noção de grupo que se manifesta no Twitter, descrita por Paul Saffo: “em vez de criar o grupo que deseja, o indivíduo envia uma mensagem e o grupo monta a si próprio”. A estruturação aleatória tem melhor compreensão com a validação das práticas nomádicas na sociedade contemporânea.

Manifestar a existência do ser pelas relações sociais é o argumento central de Maffesoli quando explica as motivações da mobilidade. Quando desenvolvida, a plataforma era para ser utilizada majoritariamente em telefones móveis com tecnologia 3G. Mesmo que a maioria dos *tweets* sejam publicados a partir da *web*, o considerável número de usuários que utilizam o Twitter pela tecnologia móvel traduz o imaginário inesgotável de traslado do ciberespaço. A partir de então, é possível estar em qualquer lugar e no ciberespaço ao mesmo tempo, criando uma condição nomádica constante, de acordo com a necessidade do usuário em praticar as ciberviagens. O *twitteiro*, assim, é um cidadão nômade.

Como resultado, há um espalhamento que desloca o centro dos grupos e dos acontecimentos para infinitos núcleos autônomos e móveis. A estrutura das redes configura um intermédio definitivo para permitir que os indivíduos “vivam a



marginalidade em um espaço sem centralidade” (ibidem: 132). Eis o espírito do nomadismo: cada um vivendo um vício específico com o permissivo de englobar, em seu cotidiano, a interferência de infinitos desejos.

2.4 As novas formas criadas pelo Twitter

Depois de argumentar que o presenteísmo, o tribalismo e o nomadismo na sociedade contemporânea podem ser evidenciados no ato de *twittar*, resta-nos, em linhas gerais, observar as consequências das apropriações da ferramenta. Dentro da análise formista, é possível observar que estamos lidando, na sociedade contemporânea, com uma nova forma de **fluxo informacional** e uma nova **forma de relacionamento societal**.

Segundo Lemos, o impacto do Twitter nos sistemas informacionais tradicionais faz parte de um conjunto de ferramentas inserido em uma era pós-massiva, ou seja, uma configuração comunicativa com processos que permitem circulação, emissão e mobilidade, todos ao mesmo tempo. Trata-se de um sintoma da crise comunicacional “abrindo inúmeras possibilidades para se questionar dogmas, certezas, formações profissionais, reservas de mercado, regimes totalitários” (Lemos, 2009, *online*).

E, por fim, influenciado também pelo fluxo informacional, as novas formas de relacionamento são mais efêmeras e pontuais, conforme assinala Maffesoli. Contudo, isso não pode ser considerado como uma alienação ou predileção pelo banal, mais sim uma percepção diferenciada da existência e da valorização do cotidiano.

Observando esses dois eixos, fica evidente que há, de fato, um processo de ressignificação em constituição por conta das novas formas que a tecnologia impôs. Para finalizar o estudo, compartilhamos da constatação, por André Lemos, de que a pergunta “O que você está fazendo” resume o fim de uma era:

"O que vc está fazendo agora" parece ser a máxima da época. Importa o que todos fazem, importa as vozes em conversação. importa as ações colaborativas e políticas de baixo para cima. O que você, pessoa comum, fora dos centros de controle, dos círculos de poder e do controle editorial da informação, "está fazendo agora" nunca foi tão importante. Dizendo isto, você pode emitir livremente, conectar-se a outros e reconfigurar o mundo a sua volta. Os exemplos acima mostram que o fim de uma era está em andamento. (Lemos, 2009, *online*)

3. Considerações finais

As observações levantadas por esse estudo tentaram traçar, em linhas gerais, os elementos constitutivos dos conceitos presenteísmo, tribalismo e nomadismo e as relações que podemos fazer com os novos tipos de comunicação e, mais especificamente, com o Twitter. O trabalho não buscou ser um mapa definitivo dos argumentos para esse



tipo de análise, mas um esboço para uma discussão dialógica. O tempo limitado para elaborar a pesquisa e a vasta bibliografia de Michel Maffesoli restringiram o trabalho a levantar as características e traçar evidências, ficando claro que há espaço para aprofundarmos as considerações sobre o alcance da obra de Maffesoli na análise das práticas comunicacionais contemporâneas.

O pesquisador francês trabalha com a tese de uma *sensibilidade pós-moderna* para enxergar uma nova “dinâmica social”, termo que, aliás, foi o título da tese de seu doutoramento em 1978. De lá pra cá, investe na alegação de que, se antes nós podíamos, seguramente, ter um perfil delineado e uma profissão segura, agora, o perfil do indivíduo é mutante, a profissão quase não existe e o futuro é incerto (Barros, 2008: 181). Eis a origem do encadeamento de sua obra: o que vale é o presente. A partir do estudo sobre o cotidiano, ele observa a transfiguração do político e a tribalização do mundo, sempre emoldurado por uma circulação cada vez mais evidente.

Uma característica na obra de Maffesoli que chama a atenção é o fato de que o autor imita, em seu estilo, a sua metodologia de análise. Enquanto fala do presente, observa a ritualização e a experiência a partir de um ponto de vista bastante particular; quando comenta os conceitos que garantem o cimento do neotribalismo, esclarece as paixões que envolvem esse tipo de agregação; e ao ensaiar sobre o nomadismo na sociedade contemporânea, parece imitar o errante no próprio texto ao ir e vir nas constatações. Para ele, o comunicar não se refere apenas ao verbal, ainda que a palavra ocupe um lugar de destaque, “mas a um sistema total, um misto de palavras, de objetos e de gestos que remetem a uma *poética globalizante*” (Maffesoli apud Silva, 2004: 47).

Este estudo nos serviu para desconstruir a noção de formalidade dos relacionamentos e pensar nas possibilidades de significação da existência graças às infinitas formas de arranjo que eles podem tomar tanto na internet quanto fora dela. Se antes o errante angustiava, hoje, passou a inspirar.



REFERÊNCIAS:

- BARROS, Eduardo Portanova. **Maffesoli e a “investigação do sentido”**: das identidades às identificações. Revista Ciências Sociais Unisinos, 2008.
- BERNARDO, Aglair. **Um novo tipo de "impulso" na cidade**: Um estudo do serviço telefônico disque amizade de Florianópolis. Dissertação de mestrado apresentada no PPGAS da UFSC. Florianópolis, 1994.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 1ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LEMOS, André. **Ciber-Socialidade - Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. In: Ione Bentz; Albino Rubim; José Milton Pinto. (Org.). Práticas Discursivas na Cultura Contemporânea. São Leopoldo: Unisinos, 1999. Pg. 9-22.
- _____. **Cultura das Redes**. 1ª edição. Salvador: Edufba, 2002.
- _____. Podcast. Emissão Sonora, Futuro do Rádio e Cibercultura. 404nOtFound (UFBA), Salvador, Bahia, v. 1, n. 46, 2005.
- LÉVY, P. **O que é virtual?** 1ª edição. São Paulo: 34, 1996.
- _____. **Cibercultura**. 1ª edição. São Paulo: 34, 1999.
- MACHADO, Arlindo. **O sujeito na tela**: modos de enunciação no cinema e no ciberespaço. 1ª edição. São Paulo: Paulus, 2007.
- MAFFESOLI, Michel. **A conquista do presente**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- _____. **A sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. 1ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 1ª edição. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- _____. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. 1ª edição. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- _____. **Sobre o nomadismo**: vagabundagens pós-modernas. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. **A parte do diabo**: resumo da subversão pós-moderna. 1ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- RIFIOTIS, Teophilos. **Apresentação**. In: SEGATA, Jean. Lontras e a construção de laços no Orkut: uma antropologia no ciberespaço. 1ª edição. Rio do Sul: Nova Era, 2008. Pg. 19-24.
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2004a.
- _____. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. 1ª edição. São Paulo: Paulus, 2004b.
- SEGATA, Jean. **Lontras e a construção de laços no Orkut**: uma antropologia no ciberespaço. 1ª edição. Rio do Sul: Nova Era, 2008.
- SILVA, Juremir Machado da. **O pensamento contemporâneo francês sobre a comunicação**. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. (Org.). Teorias da comunicação - conceitos, escolas e tendências. 5ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2001. Pg. 171-187.
- _____. **Interfaces**: Michel Maffesoli, sociólogo da comunicação. Revista FAMECOS, Porto Alegre, número 25, 2004. Pg. 43-48
- DAWSON, Ross. **How Twitter impacts media and journalism**: Five Fundamental Factors. Blog Trends in the Living Networks. Publicado em 15 de junho de 2009. Disponível em: http://rossdawsonblog.com/weblog/archives/2009/06/how_twitter_imp.html. Acesso em 16 de junho de 2009, às 19h.



GUIMARÃES Jr., Mário J. L. **A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade**. 1997. Disponível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>. Acesso em 12 de maio de 2009, às 20h20.

_____. **O ciberespaço como cenário para as Ciências Sociais. IX**

Congresso Brasileiro de Sociologia, Porto Alegre: 1999. Disponível em: http://www.cfh.ufsc.br/guima/papers/ciber_cenario.html. Acesso em 8 de maio de 2009, às 23h.

JAVA, A., SONG, X., FININ, T., & TSENG, B. **Why We Twitter: Understanding Microblogging Usage and Communities**. 9th WEBKDD and 1st SNA-KDD Workshop '07. San Jose, California, USA, 2007. Disponível em <http://ebiquity.umbc.edu/get/a/publication/369.pdf>. Acesso em 20 de maio de 2009, às 19h.

LEMONS, André. **A Arte da Vida: Webcams e Diários Pessoais na Internet**. Revista de Comunicação e Linguagens. Lisboa: Relógio d'Água, 2002. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP8lemons.pdf. Aceso em 20 de maio de 2009, às 9h20.

_____. **Fim de uma Era!** Blog Carnet de Notes. Publicado em 17 de junho de 2009. Disponível em: <http://www.andrelemons.info/>. Acessado em 17 de junho de 2009, às 23h30.

O'REILLY, T. **What is Web 2.0?** O'Reilly Media, 2005. Disponível em <http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>. Acesso em 2 de maio de 2009, às 11h.

ORIHUELA, Jose Luis. **Twitter y el boom del microblogging**. Educ.ar. Educación y TIC. Argentina, 2007. Disponível em <http://portal.educ.ar/debates/educacionytic/super-sitios/twitter-y-el-boom-del-microblo.php>. Acesso em 20 de maio de 2009, às 19h15.

PRIMO, Alex. **Ferramentas para tirar o máximo do Twitter**. Dossiê Alex Primo, 2009. Disponível em: http://www.interney.net/blogs/alexprimo/2009/05/05/ferramentas_para_tirar_o_maximo_do_twitter/. Acessado em 20 de maio de 2009, às 10h.

RECUERO, Raquel. **Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a Conversação Mediada pelo Computador e as redes sociais na internet**. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/ABCiberRecuero.pdf>. Acesso em 3 de maio de 2009, às 12h30.

RECUERO, Raquel. **Pesquisa sobre o Twitter I**. Blog Social Media, 18 de fevereiro de 2009. Online, 2009a. Disponível em: http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/pesquisa_sobre_o_twitter_i.html. Acesso em 10 de março de 2009, às 20h.

RECUERO, Raquel. **Por que os blogueiros têm Twitter?**. Blog Social Media, 27 de maio de 2009. Online, 2009b. Disponível em: http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/por_que_os_blogueiros_tem_twitter.html. Acesso em 13 de junho de 2009, às 10h.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela. **Em busca das “redes que importam”**: Redes Sociais e Capital Social no Twitter. GT Comunicação e Cibercultura, XVIII Encontro da Compós. Belo Horizonte, 2009c. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/trabalhos_arquivo_coirKgAeuz0ws.pdf. Acessado em 12 de maio de 2009, às 8h15.

ZAGO, Gabriela S. **Dos Blogs aos Microblogs: aspectos históricos, formatos e características**. Niterói: 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zago-gabriela-dos-blogs-aos-microblogs.pdf> Acessado em 2 de maio de 2009, às 10h15

O Twitter vê e mostra tudo. Época Online, publicado em 13 de março de 2009. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI64069-15228,00-O+TWITTER+VE+E+MOSTRA+TUDO.html>. Acesso em 14 de março de 2009, às 8h.

Putting Twitter's World to Use. The New York Times, publicado em 14 de abril de 2009. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2009/04/14/technology/internet/14twitter.html>. Acesso em 20 de abril de 2009, às 10h20.